
Fabulação fronteiriça: resenha de João Guimarães Rosa: a ficção à beira do nada, de Jacques Rancière

Border Fabling: Review of João Guimarães Rosa: A Ficção à Beira do Nada, by Jacques Rancière

Autoria: Lucas Simonette

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5878-140X>

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5868786889881596>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.208944>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/208944>

Recebido em: 03/03/2023. Aprovado em: 25/05/2023.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira


São Paulo, Ano 12, n. 22, jan.-jun., 2023.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.

Contato: opiniaes@usp.br

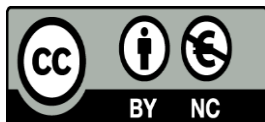
 fb.com/opiniaes

 [@revista.opiniaes](https://instagram.com/revista.opiniaes)

Como citar (ABNT)

SIMONETTE, Lucas. Fabulação fronteiriça: resenha de *João Guimarães Rosa: a ficção à beira do nada*, de Jacques Rancière. *Opiniões*, São Paulo, n. 22, pp. 244-255, 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.208944>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/208944>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

fabulaçã
fronteiriça:
resenha de *João
Guimarães Rosa: a
ficção à beira do nada*,
de Jacques Rancière

Border Fabling: Review of *João Guimarães Rosa: A Ficção à Beira do Nada*, by Jacques Rancière

Lucas Simonette¹

Universidade de São Paulo – USP

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.208944>

¹ Lucas Simonette é mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da FFLCH/USP com a dissertação: Figurações do patriarcado em Guimarães Rosa: leitura de “A volta do marido pródigo”, “Nada e nossa condição” e “Esses Lopes”. E-mail: lucasletrasusp@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5878-140X>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5868786889881596>.

Resumo

Resenha do livro *João Guimarães Rosa: a ficção à beira do nada*, de Jacques Rancière.

Palavras-chave

João Guimarães Rosa. Jacques Rancière. Ficção à beira do nada. Fabulação. Literatura brasileira.

Abstract

Review of the book *João Guimarães Rosa: A Ficção à Beira do Nada*, by Jacques Rancière.

Keywords

João Guimarães Rosa. Jacques Rancière. Ficção à Beira do Nada. Fabulation. Brazilian Literature.

Foi com alguma surpresa e certo entusiasmo diante da eventual novidade reflexiva que a comunidade de estudos sobre a obra de João Guimarães Rosa e os críticos em geral receberam a recente publicação da Editora Relicário: *João Guimarães Rosa: a ficção à beira do nada*, de Jacques Rancière. O livro publicado em 2021 traz à tona uma conferência proferida pelo filósofo francês em 2019. Com tradução de Oseki-Dépré e posfácio de Eduardo Jorge de Oliveira, o texto procura aquilatar algumas questões caras à literatura moderna expressas de modo ilustrativo na prosa do escritor mineiro.

Embora o texto possa ter, nos bastidores da academia, soado como novidade, a relação de Jaques Rancière com a obra de Guimarães Rosa já conta com quase cinco décadas. Segundo Pedro Hussaka, quem assina a orelha do livro, Rancière tem um vínculo bastante forte com o Brasil. Além de ter feito diversas viagens em terras brasileiras, o filósofo domina bem a língua portuguesa. Aliás, conforme assinala Eduardo de Oliveira, foi numa visita à cidade de Ouro Preto, em 1967, que o filósofo estabeleceu seu primeiro contato com a prosa rosiana.

Relação essa que perduraria. Em 2017, Rancière publica *Les bords de la fiction*, que, em 2021, foi vertido para o português pela Editora 34 com o título *As margens da ficção*. Nesse livro, um compilado de artigos inéditos com algumas conferências mais antigas, há um capítulo que merece atenção: “O desmedido momento”. Figurando entre os inéditos, o texto apresenta justamente uma discussão sobre contos de João Guimarães Rosa. Com efeito, a reflexão proposta ali servirá de alicerce para os argumentos apresentados em *João Guimarães Rosa: a ficção à beira do nada*.

O texto-conferência de Rancière começa com uma apreciação crítica acerca do que o autor considera ficção: “A ficção não é, a meu ver, o ato de inventar mundos que não existem. Ela faz parte integrante de nosso mundo e, mais, da nossa maneira de fazer mundo. Ela é uma estrutura de racionalidade” (RANCIÈRE, 2021, pp.7-8). Segundo o filósofo, essa racionalidade foi notada inicialmente por Aristóteles na sua *Poética*. Trata-se, em resumo, de um princípio de causalidade, fundado numa ideia segunda a qual a ficção não se pretender discutir como as coisas acontecem, mas sim como elas poderiam ter acontecido, conforme um encadeamento de ações que transforma o estado de espírito dos indivíduos. Nesse sentido, quando o filósofo grego caracteriza o gênero trágico, ele defende como composição fundamental um encadeamento necessário e verossímil de eventos contrários pelos quais os personagens passam: *felicidade e infelicidade, esperado e inesperado, ignorância e saber*. A racionalidade da ficção está, portanto, nessa lógica de inversões, nomeadas por Aristóteles como *peripécias*.

Rancière observa ainda que tal disposição estrutural, calcada na relação de causa e efeito, transcende à literatura. Pode, nesse sentido, ser vista nas ciências humanas, como nas análises marxistas, por exemplo.

Voltando à literatura, o filósofo procura arrematar sua noção de ficção moderna, a qual recupera e ressignifica os postulados aristotélicos:

A razão das ficções não se encontra mais separada da dos fatos cotidianos. (...) Ela pretende abolir a hierarquia entre o tempo privilegiado da ação regido pela racionalidade causal e um tempo da reprodução da vida material abandonado à pura sucessão. Ela aplica ao mundo obscuro da vida material a mesma racionalidade

que aquela outrora foi reservada às ações e aos agenciamentos da ação trágica. (...) Esta literatura aboliu também a fronteira entre a razão das ficções e a razão dos fatos, mas ela o fez atacando o próprio modelo da dupla temporalidade. Ela o fez inventando maneiras de escrever as situações e de contar o tempo, abolindo a barreira que, de um lado, deixava sem histórias as vidas dos homens e mulheres do cotidiano e, de outro, as nobres vidas dos homens ativos na procura de seus objetivos. Cada vida tornou-se objeto digno de ficção. (RANCIÈRE, 2021, pp. 14-16)

Posta essa reflexão, Rancière enfim chega à prosa de Rosa. É nesse momento de introdução da obra do escritor mineiro que o filósofo expõe sua concepção de “ficção à beira do nada”:

As bordas da ficção não são os territórios que a limitaram do exterior. São os lugares, as formas, as palavras e a organização das palavras que ela inventa para tornar visível a linha ao mesmo tempo radical e quase imperceptível que reúne e separa ao mesmo tempo duas formas de experiência: a experiência do tempo que passa e a experiência do tempo em que acontece alguma coisa. É aí que passa, com efeito, a linha de separação decisiva para a ficção e não na oposição do real e da invenção. (...) *a verdadeira linha decisiva em que a ficção se constrói e ganha sentido é a que separa ‘nada está acontecendo’ do ‘está acontecendo alguma coisa’.* A ficção moderna é a ficção do momento e do ato às bordas do nada. (...) Ora podemos dizer que é essa fronteira entre o nada e o acontecimento que fica no centro de todas as narrativas de Rosa. E é para torná-la sensível que ele inventa a todo momento uma língua que se mantém o mais próximo possível de uma origem fictícia da língua. Ser habitante do sertão é saber que todo indivíduo é um pesquisador de sua própria vida, um ser habitado por palavras e ficções, um condutor de palavras e ficções. O escritor do sertão é aquele que radicaliza essa função de guia das ficções criando formas narrativas e formas linguísticas que atravessem o território inteiro da língua para unir as invenções mais puras dos místicos aos estribilhos ou provérbios da sabedoria popular. (RANCIÈRE, 2021, pp. 21-23, grifo nosso)

No que tange esse longo trecho, vale atentar-se a dois pontos. Em primeiro lugar, a passagem em destaque, cuja definição da ficção moderna se associa a uma imagem *fronteiriça*, ou melhor, de *borda* ou *margem*. Essa ideia já avultava no artigo “Desmedido momento”. Ali Rancière defende o que ele chama de “verdadeira vida”. O leitor proustiano logo notará a alusão à consagrada frase que fecha *Em busca do tempo perdido*: “*la vraie vie*”. O próprio crítico francês irá, ao longo de texto, esclarecer a apropriação e releitura da formulação proustiana. Por

ora, vale ponderar o que está em jogo: trata-se, grosso modo, da primazia da ficção, a qual, por sua vez, não estaria presa a uma lógica de encadeamento preestabelecido. Para ilustrar, vê-se a análise do célebre conto “Terceira margem do rio”, de *Primeiras Estórias*. O filósofo afirma que a canoa estática é um “acontecimento impensável”, e mais:

O pai desaparece para sempre, o filho permanece na beira. Ele é ‘o que não foi’, o que vai doravante ‘ficar calado’, permanecer em silêncio. A ‘vida verdadeira’ não se conhece, ela está destinada a permanecer no intervalo entre a ausência e o silêncio, entre duas inexistências perdidas no meio e na beira do rio que sempre corre para separá-las. Desenhar até a beira do silêncio, as beiradas sem beiradas dessa ausência, é o trabalho da ficção. (RANCIÈRE, 2021, p. 164, grifo nosso)

Eis, pois, a tese que dá título ao livro, *a ficção à beira do nada*. Uma ficção que se faz nas zonas que tangenciam experiências não previsíveis, não necessariamente extraordinárias.

Outro ponto importante na exposição introdutória sobre Rosa, é a relação do autor com a matéria local e suas técnicas formais sofisticadas. Rosa, segundo Rancière, é muito desenvolto em tecer uma comunicação entre polos radicais. Nesse sentido, Rosa consegue mesclar de modo coeso epígrafes do universo considerado “erudito” com as chamadas “populares”. Numa mesma história, observa-se a referência entrelaçada a Plotino e a ditos popularescos, por exemplo.

Esse trânsito bem-sucedido ainda que traço indispensável para a compreensão da obra de Rosa, já fora bastante explorado pela crítica. Para melhor compreender as nuances particulares do argumento desenvolvido por Rancière, cabe resgatar algumas duas breves reflexões sobre o assunto, uma nacional, outra latino-americana. Antonio Candido (2017) em “Literatura e subdesenvolvimento” traça um percurso da prosa, sobretudo regionalista, do Brasil, entre os séculos XIX e meados do XX. Com o aprimoramento das obras, culminou-se na chamada “consciência dilacerada do subdesenvolvimento”, momento no qual se situa a obra rosiana. Esta se caracterizaria pelo seu potencial *super-regionalista*, em que questões de ordem local estão enleadas por outras de ordem universal. Em linha parecida, Ángel Rama (1989) investiga autores latino-americanos que conseguiriam estabelecer pontes entre uma matéria local mais rústica e as técnicas mais avançadas de literatura. São eles, para Rama, os *transculturadores*.

Os três críticos, cada um à sua maneira, estão constatando traços da prosa rosiana que também figuram, em alguma medida, em outros escritores latinos, como Garcia Marquez e Juan Rulfo, por exemplo. Trata-se, em linha gerais, de esfumçar as distâncias entre sujeito e objeto; de enformar o consensualmente popular na vanguarda dos recursos literários; de universalizar o local e estetizar o ordinário, tão renegado historicamente.

A matriz por meio da qual se desenvolverá o restante do texto de Rancière parte justamente da seguinte tese: com Rosa, o ordinário está alçado à literatura e,

dentro dela, moldada às instâncias consideradas elevadas, como a mítica, bíblica, poética, trágica ou épica. E para investigar os textos de Rosa mais detidamente, Rancière os divide em dois blocos: “histórias de enriquecimento” e “histórias de subtração”. No primeiro grupo, ficam as narrativas maiores, como o romance *Grande sertão: veredas*, as novelas de *Corpo de Baile* e os contos de *Sagarana*.

São essas narrativas em cujo centro despontam temas locais elevados às dimensões épicas-cavaleirescas. Fato bastante notório e estudado pela fortuna crítica rosiana, principalmente em *Grande sertão: veredas*. Em *Sagarana*, especificamente, Rancière exemplifica tal dimensão com a descrição dos bois em “Burrinho Pedrês”, cuja construção remete ao catálogo das naus da *Ilíada*.

Nesse segmento do texto, a análise mais interessante proposta pelo crítico francês parece ser a da novela “Uma história de amor”, que gira em torno da figura de Manuelzão, um capataz responsável por criar uma festa cujo fim é consagrar a construção de uma capela. No enredo, dois grandes acontecimentos ganham relevo: de um lado, as velharias deixadas pelos convidados com o objetivo de valorizar a Virgem; de outro, a sucessiva contação de histórias dos locais. O primeiro está aludindo “aos objetos insólitos que James Agee extrai das gavetas dos móveis dos rendeiros miseráveis de *Let us now praise famous men*, outra celebração bíblica da vida dos humildes” (RANCIÈRE, 2021, p.28). O segundo trabalha com o imaginário coletivo, de onde se pode apreender intertextualidades, por exemplo, com novelas de cavalaria.

Ainda em relação à contação de histórias feita durante a festa e o papel do ordinário Rancière arremata:

A ficção de Rosa traça assim a linha que ao mesmo tempo une e separa a festa da vida. Essa relação ambígua é ela mesma pensada de duas maneiras diferentes. Por um lado, Manuelzão parece pensar que essa ‘festa devia de durar sempre-sem fim’. Mas o voto é logo corrigido, pois ‘o que há, de rente, de todo dia, é o trabalho’. O verdadeiro papel da festa é assim indicado: ‘A festa não é pra se consumir – mas para depois lembrar...’ Ela é um momento de exceção capaz de se comunicar à distância com outros momentos de exceção. A festa ou a ficção é a vida reinventada, diferente da vida ordinária, mas que, no entanto, não cessa de circundá-la. E a tarefa do escritor é inventar narrativas que as façam coincidirem”. (RANCIÈRE, 2021, pp. 30-31)

Feita essa análise, o filósofo parte para a investigação das narrativas consideradas “subtrativas”. Nessa altura do texto, as reflexões tendem a ficar mais apuradas. A glosa aqui recai sobre alguns contos que compõem *Primeiras estórias* e *Tutameia* e, logo de imediato, emerge um primeiro sentido em torno da ideia de subtrativo: trata-se a rigor de histórias curtas, marcadas pela composição concisa de seus elementos estruturais, como personagens ou espaço. Contudo, a noção de subtrativo não se restringe a essa fórmula mais enxuta:

Mas são menos histórias breves do que bordas de história, quase-histórias que delimitam as bordas de toda história. (...) Ora, essa beira do nada pode ser percorrida em duas direções opostas. Às vezes se trata da dinâmica que faz emergir o ‘algo acontece’ de uma situação na qual nada deveria acontecer. Outras vezes, encontramos um movimento em sentido oposto, um movimento radicalmente subtrativo. Não se trata, com efeito, de um retorno ao ordinário do tempo que então passa, mas pelo contrário, de um movimento de negação radical desse ordinário. É o que nos contam as ficções do extraordinário, ficções nonsense em que uma existência se despoja de todos os atributos da vida normal a fim de habitar o lugar puro, o lugar insensato da ficção. (RANCIÈRE, 2021, pp. 32-33, grifos nossos)

Essa categorização sobre a ficção é interessante na medida em que recebera também uma definição do próprio Guimarães Rosa, a qual, curiosamente, não foi referida por Rancière. Nos trechos grifados é possível encontrar certa conjugação com algumas exposições feitas por Rosa em *Tutameia* com as de Rancière. No excêntrico quarto prefácio “Sobre a escova e a dúvida”, Rosa cria literalmente um glossário. Nele avulta o termo-título da obra: “Tutameia: nonada, baga, ninha, inânias, ossos-de-borboleta, quiquiriqui, tuta-e-meia, mexinflório, chorumela, nica, quase-nada; mea omnia.” (ROSA, 2009, p. 233) As “quase-histórias” de que fala Rancière estão, assim, sistematizadas poeticamente no glossário rosiano. O autor brasileiro apresenta ao leitor uma concepção de arte que, ao mesmo tempo, nega os modelos clássicos e valoriza o estatuto do não-senso, do contraditório, do aspecto paradoxal da “ninharia” enleada na “*mea omnia*”, isto é, emaranhada numa totalidade abstrata. Noutros termos, trata-se de uma ficcionalização do modesto, do quase-nada, que mira, a partir do trabalho sofisticado com a linguagem, as dimensões infinitas de significado.

Ainda sobre esse aspecto, no primeiro prefácio “Aletria e hermenêutica”, Rosa discorre sobre as “anedotas de abstração”, as quais perfazem o livro. A definição vai ao encontro das ponderações em torno do *nonsense* feitas por Rancière e, de certo modo, às reflexões sobre o ordinário revitalizado, ou seja, dos aspectos prosaicos que são apreendidos e ressignificados numa estética singularmente transculturadora. São estórias que na *borda do nada* almejam não a coisa em si, o ordinário, mas seu avesso, o extraordinário, cujo caráter é mais filosófico:

Serão essas – as com alguma excepta – as de pronta valia no que aqui se quer tirar: seja leite que a vaca prometeu. Talvez mais direto colidem com o não-senso, a ele afins; e o não-senso, crê-se, reflete por um triz a coerência do mistério geral, que nos envolve e cria. A vida também é para ser *lida*. Não literalmente, mas em seu supra-senso. E a gente, por enquanto, só a lê por tortas linhas. Está-se a achar que se ri. Veja-se Platão, que nos dá o “Mito da caverna (ROSA, 2009, p.30).

O primeiro conto analisado por Jacques Rancière é o “Audaz navegante”, em que “parecia não acontecer nada”. Desse *nada* surge uma ficção criada por uma criança. O empenho da fabulação a partir do banal é o que Rosa se dispõe a ficcionalizar. De certo modo, essa leitura proposta pelo crítico francês remete à sua análise do conto “Pirlimpsiquice” no supracitado “Desmedido momento”. Pois, em ambas as narrativas, desponta a contação de história que parte de situações ordinárias, as quais são elevadas à categoria de ficção na voz dos narradores e emolduradas em técnicas sofisticadas pelo autor.

A título de indicação, o conto “A terceira margem do rio” também é abordado no livro novo, como havia sido no texto anteriormente publicado, mencionado no início desta resenha. A leitura feita nesses dois trabalhos ilustra bem a ideia discutida sobre ficção moderna e seu traço fundamental de borda.

Outro conto que recebe atenção nos dois textos de Rancière é “Nada e a nossa condição” também de *Primeiras histórias*. História de um excêntrico patriarca que, após a morte da esposa, começa a modificar a paisagem de sua fazenda, arranja um casamento para as filhas, doa – ainda que mantenha a supervisão – suas terras aos empregados e, por fim, morre com a casa-grande em chamas. Tio Man’Antônio, protagonista de tal história, vale-se de um *leitmotiv* sempre que alguém o questiona acerca das contradições de seus atos: *faz de conta*. O jargão será interpretado por Rancière como uma espécie de ficção da própria ficção:

“Faz de conta’. Em outras palavras, parem de acreditar ‘no que existe’, no que se reproduz incessantemente, semelhante a si mesmo; entre no espaço da ficção. Esse espaço da ficção é a verdadeira vida. O que as obras extravagantes encomendadas por Man’Antônio propõem é a criação do espaço desfamiliarizado, desdomesticado dessa verdadeira vida. Mas essa criação supõe que a ficção consuma ela própria todo o seu material. À sua maneira o brioso fazendeiro leva a sério a célebre frase de Proust: ‘A verdadeira vida, a vida enfim descoberta e esclarecida, a única vida portanto realmente vivida, é a literatura’. Ele sacrifica sua propriedade e sua vida para transformar essa frase de escritor em realidade material. (RANCIÈRE, 2021, pp.36-37)

A leitura se mostra bastante intrigante na medida em que desvela uma noção de “verdadeira vida” articulada à ideia de ficção. Rancière demonstra como Man’Antônio encontra sua vida mais genuína no espaço da propriedade ficcionalizada que é, por sua vez, a negação da vida ordinária. Se por um lado, a análise tem notoriamente mérito em aquilatar a função da ficção; por outro, pode ter deixado atenuada, nesse conto especificamente, uma violência de ordem nacional que subjaz o *leitmotiv*, e, portanto, a ficção.

Quando o patriarca cede as terras aos subalternos, mas preserva a gerência sobre eles e, com isso, a lógica de poder, nota-se ali um sintoma tipicamente brasileiro: a tendência em se modernizar, conservando traços arcaicos. *Primeiras*

estórias enuncia de modo mais ou menos explícito a modernização dos rincões brasileiros. As duas narrativas que abrem e fecham o livro – “As margens da alegria” e “Os cimos” – configuram *bordas da modernidade*, inscritas na construção de Brasília, *margeando* o sertão. A própria dimensão que o *logos*, enquanto discurso esclarecido, ganha em detrimento das práticas violentas nas *Primeiras estórias* realça este novo momento histórico. No entanto, sobram resíduos das antigas lógicas de poder. É o que fica nos entretons de “Nada e a nossa condição”. Um patriarca cujo lugar na nova ordem social parece dissonante, daí, aliás, seu fim associado à ruína da casa-grande. Em contrapartida, quando vivo, procura se esgueirar nesse novo contexto, conservando, porém, a violência mandatária. Assim, o “faz de conta”, lido por Rancière tão somente como o primado da ficção, apresenta também um traço de fundo histórico, responsável por obnubilar um processo social em curso. O interessante é que a ficção forjada pelo protagonista esfumaça a suposta realidade dos fatos e, ao mesmo tempo, torna-se um convite a um escape da ordem prosaica cotidiana a fim de se ingressar na vida verdadeira.

A despeito da análise destituída de um olhar problematizador acerca do elemento social cifrado na ficção de “Nada e a nossa condição”, a leitura sobre o estatuto da fabulação é bastante pertinente, pois ela aponta para uma espécie de síntese das discussões desenvolvidas pelo crítico francês. Observa-se, nesse sentido, uma unidade de análise que recai sobre os contos investigados. Tal unidade se pauta na noção de que a ficção está alçada à categoria de vida verdadeira. Com efeito, o núcleo das leituras se caracteriza pela ideia segundo a qual a ficção até pode partir da vida ordinária para, em seguida, ser ressignificada, mas é, em última instância, a negação desta. Não à toa a menção a Proust articulado ao conto “Nada e a nossa condição” vem à baila. Vale lembrar que o colosso proustiano estetiza o processo de criação de uma obra, um romance de formação da própria obra; é, em outros termos, a ficcionalização da ficção, que mira, nessa lógica, a vida verdadeira. Alinhado a isso e à guisa de uma conclusão, Jacques Rancière reafirma:

A ficção não é o lugar dos sonhos onde se vai descansar dos aborrecimentos da vida ordinária. Ela é a negação radical dessa via ordinária, é a verdadeira vida, aquela a que é preciso se dedicar inteiramente. (RANCIÈRE, 2021, p.43)

O argumento em torno do qual a análise se fará ao longo do livro não é de fácil apreensão. A própria paráfrase proustiana relida sob o prisma da formulação *à beira do nada* e seu vínculo com o ordinário não é costurada tão didaticamente. O leitor que porventura não for especialista em Rosa ou em Rancière encontrará um ensaio bastante original, mas também denso, permeado de idas e vindas. Talvez o principal desafio para o leitor não especializado esteja em certa tendência do crítico em deixar alguns importantes conceitos na esfera da pressuposição. Ou seja, o livro figura como leitura curta, cuja contribuição à fortuna crítica rosiana é notória, mas também desafiadora. Prova de que o ensaio exigirá algum empenho do leitor está no fecho do livro: concluindo seu texto, Rancière arremata a maneira como Rosa estaria alinhado às complexas reflexões em torno da ficção moderna:

Rosa é talvez o escritor que mostrou de maneira mais forte que a revolução literária moderna não é absolutamente o isolamento da linguagem tornada autônoma em seu mundo próprio. Ela é, pelo contrário, a manifestação de uma solidariedade radical entre as invenções da literatura e aquelas que cada vida é capaz de criar. (RANCIÈRE, 2021, p.53).

referências bibliográficas

CANDIDO, Antonio. “Literatura e subdesenvolvimento” In: *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*. Montevideo: Arca Editorial, 1989.

RANCIÈRE, Jacques. *João Guimarães Rosa: a ficção à beira do nada*. Tradução de Inês Oseki Dépré. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

RANCIÈRE, Jacques. “Desmedido momento” In: *As margens da ficção*. Tradução de Fernando Schibe. São Paulo: Editora 34, 2021, p.157-169.

ROSA, João Guimarães. *Tutameia* (terceiras estórias). 9. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.